



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Izenete Nobre Garcia*

*Universidade Estadual do Maranhão*

*[orcid.org/0000-0002-1794-9867](https://orcid.org/0000-0002-1794-9867)*

*izenetegarcia@gmail.com*

*Leoneza Rosa Pereira*

*Universidade Estadual de Montes Claros*

*[orcid.org/0000-0001-7521-4589](https://orcid.org/0000-0001-7521-4589)*

*leozinhapink20@gmail.com*

*Literatura, erotismo e transgressão:  
a recepção crítica do romance A Casa Dos  
Budas Ditosos, de João Ubaldo Ribeiro, na  
imprensa brasileira*

*RESUMO: As representações do erotismo estão historicamente ligadas a humanidade e presentes em diversas obras literárias. Este artigo objetiva analisar as críticas à primeira edição do romance A Casa dos Budas Ditosos (1999), de João Ubaldo Ribeiro, na imprensa brasileira em 1999. O trabalho foi desenvolvido de maneira qualitativa e descritiva, a partir da pesquisa bibliográfica, pautado nas teorias de Paz (1994); Alexadrian (1993); Durigan (1986), dentre outros. Observou-se a oscilação da crítica em relação ao que consideram erótico e pornográfico no romance brasileiro. O ponto fundamental reside na construção de um romance que tratou de assuntos considerados tabu na Literatura Brasileira.*

*Palavras-chave: Romance erótico; Literatura Brasileira; A Casa dos Budas Ditosos; João Ubaldo Ribeiro.*

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE PORNOGRAFIA E EROTISMO: DIFERENÇAS E CONVERGÊNCIAS



Quando um texto traz o sexo como temática, ele está retratando o erotismo ou a pornografia? Afinal, qual a diferença entre as duas vertentes? Para uma sistematização e apontamento sobre o assunto serão elencadas algumas perspectivas de autores variados, que explanaram suas percepções sobre uma e outra perspectiva.

De acordo com Otto Maria Carpeaux (2007), na antiga Inglaterra do século XIX, qualquer texto que tratasse de conteúdos relativos ao sexo, mesmo que de maneira velada, era considerado obsceno, licencioso e pornográfico. Todavia, atualmente já figuram no cânone literário mundial romances como *O amante de lady Chatterley* (1928,) de D. H. Lawrence, cujo conteúdo foi explicitamente tido como suspeito.

Susan Sontag (1987), ao tratar de representações pornográficas na literatura, tenta reverter a visão acusativa, que reduz a pornografia a uma mercadoria social problemática, uma doença da cultura ou uma deformação do imaginário. Assim, o tema é analisado dentro do campo das artes, defendendo-se a possibilidade de que livros literários, sobretudo os que tratam do sexo, têm um potencial artístico, tal qual uma obra de arte, e apresentam possibilidades estéticas que não tiveram seu valor literário avaliado, em detrimento de uma conotação pejorativa ao seu conteúdo e à maneira como era tratado. Por isso, construiu-se um teor negativo, pesaroso e lascivo à palavra pornografia, que é aceita, segundo ela, pela falta de outro melhor.

A escritora argumenta que a representação visual de órgãos e atos sexuais não se faz necessariamente obscena, e resgata a pornografia, situando-a como possibilidade artística:

O que faz de uma obra de pornografia parte da história da arte, ao invés da pura escória, não é a distância, a superposição de uma consciência mais conformável à da realidade comum sobre a “consciência desordenada” do eroticamente obcecado. Em vez disso, é a originalidade, a integridade, a autenticidade e o poder dessa própria consciência insana, enquanto corporificada em uma obra. Do ponto de vista da arte, a exclusividade da consciência incorporada nos livros pornográficos não é, em si mesma, nem anômala, nem antiliterária. (SOTANG, 1987, p. 52)



A Literatura, como parte dessa história, situa-se entre os meios mais eficazes das representações erótico-pornográficas. No meio literário, os críticos aprimoram e mudam sua forma de analisar um determinado gênero<sup>1</sup>, o que explica a flexibilidade da classificação de uma obra ao longo do tempo. Ou seja, a classificação que outrora era estática, invariável e que muitas vezes reduzia a obra a um gênero específico, tornou-se mais maleável, no sentido de que a classificação é voltada para o conjunto de elementos que compõe a obra e que a farão com que dialogue com textos anteriores ou futuros.

Dessa forma, o termo “literatura erótica”, sendo destacado como um gênero presente na literatura, é interpretado de diferentes formas, variando entre gênero erótico, obsceno ou pornográfico, trazendo diferentes concepções em relação ao seu significado, não sendo possível generalizar a definição somente ao que é relatado nos dicionários, por exemplo.

A diversidade de interpretações estende-se a diferentes produções culturais, conforme Ana Maria Macedo Valença (1994):

Em primeiro lugar, generaliza-se o conceito de que uma produção cultural é erótica à medida que nela predomina a visualização do nu e do sexo. Essa compreensão, arraigada na cultura da imagem, estende-se não só à literatura como as artes em geral. Um filme ou um romance, por exemplo, serão considerados mais eróticos quanto maior for a relevância concedida ao sexo. (VALENÇA, 1994, p. 149)

Observa-se, então, que os erotismos sensuais e os pornográficos estão frequentemente em fronteiras limítrofes dentro das manifestações literárias e artísticas. Entendido dessa forma, o conceito guarda relação com a definição feita por Octávio Paz (1994), ao afirmar que o erotismo é uma pornografia com algo a mais, ou seja, não é somente uma exposição de cenas sensuais ou sexuais, há todo um contexto e uma estética envolvidos para traçar o enredo erótico.

Apesar dessa estreita relação, o escritor Sarane Alexandrian procura traçar algumas diferenças básicas entre pornografia e erotismo:

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaais; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. Neste caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que

desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela à sujeira, às doenças, às brincadeira O autor pontua a distinção entre o texto erótico, o pornográfico e o obsceno, enfatizando que o primeiro tende a ser mais voltado a fantasias e desejos e os outros geralmente são mais banais e depravados, no entanto, é importante ressaltar que a visão acerca de um texto pode variar de pessoa para pessoa.



A pornografia cativa o público pelas representações fiéis do ato sexual, não deixando-o jamais em segundo plano, não demonstrando nenhum lirismo, cuidado com as palavras ou metáforas, características comuns em uma representação erótica do mesmo ato sexual.

Durigan (1986), por outro lado, afirma que o texto erótico, se nos atermos aos detalhes, toma uma forma que tem a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, sendo capaz de tecer de muitas maneiras suas relações significativas. Em outras palavras, o autor sugere que o texto erótico pode ser representado de diversas formas e pode estar ligado à sutileza, à sugestão do corpo e à sensualidade, como também pode representar obscenidades discretamente.

O texto pornográfico, ainda de acordo com mesmo autor, “procura induzir o leitor no universo textual, para fazê-lo participar, em busca do prazer, como um dos atores do espetáculo” (DURIGAN, 1986, p. 38). A pornografia, de acordo com essa concepção, não sugere contornos e descreve o ato sexual propriamente dito. E embora não tenha a sutileza, tão citada nos textos ditos eróticos, é capaz de despertar os sentidos e os desejos do leitor.

Em contrapartida às ideias acima, cabe mencionar que falar em erótico, atualmente, implica considerar o pornográfico e analisar pontos de vista subjetivos, culturais e individuais que são primordiais para estabelecer as fronteiras entre o erótico e o pornográfico, uma vez que a temática está presente nas mais diversas produções. Nesse sentido, Eliane Robert Moraes e Sandra Maria Lapeiz (1984) pontuam que:

Sabe-se muito bem que aquilo que uns consideram pornográfico não o é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas ou culturais, mas, também as subjetivas e individuais. A variabilidade dos critérios que julgam se uma obra é ou não pornográfica é tão grande que além da referência geral à sexualidade, pouco mais pode se dizer deles. Vários livros que hoje são considerados clássicos da literatura, outrora foram acusados de obscenos e proibidos sumariamente. (MORAES; LAPEIZ, 1984, p.11)



Diante deste posicionamento, entende-se o quanto é arriscado rotular ou elencar taxinomias, pois o que em outro momento foi proibido, sob acusação de obscenidade, hoje faz parte de um conjunto de renomadas obras literárias. Não podemos, portanto, instituir a representação pornográfica como antítese da erótica, pois os conceitos estão amplamente interligados.

Em consonância ao exposto, Valença (1994) destaca a questão da sobreposição de conceitos, no sentido de interligá-los, levando em conta fatos culturais:

‘O que temos a constatar é que há, por vezes, a sobreposição, porque em se tratando de cultura não há fatos estanques, há possibilidades que se interligam. Entretanto, se, por um lado, não podemos relegar a possibilidade de interseção entre a representação erótica e a pornográfica, por outro, veremos a impossibilidade da redução. O erotismo não pode ser reduzido ao obsceno, porque nele não se esgota: o que perfaz o erotismo é sua dimensão intrinsecamente humana. (VALENÇA, 1994, p.152)

A perspectiva da autora reforça a questão da impossibilidade da separação absoluta do erótico e do pornográfico, ao mesmo tempo em que enfatiza a inviabilidade de reduzir o conceito de erotismo somente a algo obsceno, pois o que o torna completo, é o fato de ser uma característica inerente ao ser humano, sendo, portanto, muito amplo. Em muitos momentos, a diferenciação ocorre a partir de uma distinção moral, sendo o pornográfico visto como uma categoria inferior e o erotismo como superior:

A valorização do erotismo, aliás, permite a muitos condenarem a pornografia, julgada como elementar, sem incorrer na pecha de puritanos. Com efeito cada uma dessas duas noções se legitima por meio da rejeição da outra: o erótico não para de demonstrar sua superioridade por conta de sua capacidade de não ser pornográfico, enquanto o pornográfico se situa como um discurso de verdade que se recusa hipocritamente a “tapar o sol com a peneira”, que pretende não esconder nada. [...] O erotismo se diferencia, se separa da pornografia. Mas como imaginaríamos que a pornografia possa se separar absolutamente do erotismo? (MAINGUENEAU, 2010, p. 30-31).

Para Maingueneau (2010), o erotismo é percebido de maneira ambivalente, podendo ser interpretado tanto como uma pornografia envergonhada, que não revela seu verdadeiro nome, como pode ser aquilo que a pornografia não conseguiria transformar. Em razão dessa dualidade, não é possível afirmar que haja uma separação rígida entre os dois termos.

Ressalta-se, por fim, o ponto de vista de Moraes e Lapeiz (1984, p.12) que relatam que “talvez a única forma



de definirmos pornografia seja dizendo que ela é um ponto de vista, não um ponto fixo, mas tão móvel que sugere a todo instante verdadeiras ilusões de ótica”. Esse posicionamento, talvez, esclareça um pouco a visão de alguns críticos literários em classificar e julgar indiscriminadamente uma obra como sendo pornográfica.

Assim, constata-se que o erotismo e a pornografia são separados por uma linha tênue, que faz com que muitas vezes sejam confundidos. Genericamente, o erotismo é a representação do desejo e do amor de forma implícita, com uma certa conotação romântica e socialmente aceita, dada a sua discrição. O pornográfico, por sua vez, é a representação do sexo explícito, acompanhado de obscenidades, que o tornam condenável socialmente.

Em se tratando de Literatura, esses conceitos podem ser ampliados ou até mesmo interligados, tornando as duas vertentes praticamente impossíveis de separar, principalmente se nos atermos ao que era considerado pornográfico tempos atrás e o que é considerado pornográfico hoje.

Diante da impossibilidade de separação absoluta dos termos em questão, as representações consideradas pornográficas, mas que forem empregadas com um potencial erótico, no sentido de terem uma intenção, que foge do sexo explícito estritamente comercial, serão tratadas neste trabalho como ramificações do erotismo, exercendo o papel de recursos estéticos e linguísticos que melhor se adequam em determinadas situações.

## **O ERÓTICO NA LITERATURA BRASILEIRA**

No Brasil, é possível detectar escritos com tendência erótica desde a chegada dos Portugueses no século XVI. Algumas passagens da Carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, apresentam quase poeticamente a nudez e a beleza das índias presentes naquele local.

Luiz Ferri de Barros (2014, p. 5) destaca a seguinte passagem da Carta: “uma daquelas moças era toda tingida [...] e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua



como a dela”. Em vários trechos é possível ver o encanto de Caminha pelas índias, fato que posteriormente levou a carta a ser censurada e até mesmo reescrita sem essas menções.

No século XVII, também é possível encontrar obras com certas obscenidades, como as atribuídas a Gregório de Matos, que em razão do seu humor violento e corrosivo e as constantes críticas que dirigia aos políticos e religiosos, acabou ganhando o apelido de “boca do inferno”.

Mary Del Priore (2014) faz menção aos escritos de Gregório de Matos ao lembrar um poema dedicado a uma mulher por ele seduzida, que em certa ocasião lavou suas partes íntimas antes do coito. A autora destaca o seguinte trecho: “lavai-vos quando o sujeis, e porque vos fique o ensaio. Depois de foder lavai-o. Mas antes não o laveis” (PRIORE, 2014, p.18). A revolta de Gregório se dá pelo fato de que, naquela época, os odores das partes íntimas eram apreciados e considerados afrodisíacos.

Apesar da produção de Gregório de Matos, no século XVII, a erotização era considerada uma enfermidade: “acreditava-se que o desequilíbrio ou a corrupção dos humores, graças a secreção da bile negra, explicasse uma desatinada erotização” (PRIORE, 2014, p. 30). Dessa forma, certos excessos deveriam ser evitados a fim de conter a perda de homens e mulheres tomados pelo sentimento desenfreado.

No século XIX muitas obras se destacaram como eróticas, ao menos para o que era considerado erótico ou obsceno para a época. *Lucíola* (1862), de José de Alencar, por exemplo, ao narrar uma típica heroína romântica, que não deixa de ser uma prostituta a despeito de seu sofrimento.

Naquele século, defendia-se o princípio de que obras que ofendessem a moral e os bons costumes poderiam influenciar negativamente quem as lessem. Dessa forma, a personagem, que era uma transgressora dos bons costumes e do ideal de feminilidade do século XIX, promíscua e que ditava as próprias regras, além de dominar os homens através daquilo que deveria ser reprimido, expôs fatos que são totalmente contrários a moral e que causaram desconforto ao público.

De acordo com Priore (2014), o século XIX foi um século “hipócrita”, pois, ao mesmo tempo em que reprimiu as questões sexuais, buscou deliberadamente por



representações obscenas na literatura e na vida pessoal, a começar pela rainha Carlota Joaquina que teve muitos amantes, e, mais tarde, o imperador Dom Pedro I, que traía sua esposa Leopoldina com numerosas amantes.

O erotismo ganhou destaque no Naturalismo, fazendo-se muito presente durante todo esse período, uma vez que os autores, respaldados na perspectiva determinista, acreditavam que o meio influenciava e interferia no caráter do indivíduo. Dentre as obras que se destacam no período, pode-se mencionar o polêmico romance *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro.

De acordo com Bosi (2006), o determinismo presente nas obras desse período reflete-se na perspectiva dos narradores ao trabalhar as suas personagens: “a pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre tons sombrios o destino de suas criaturas” (BOSI, 2006, p. 172). Assim, o fato de o homem não ter a capacidade de decidir o próprio destino aparece, também, em obras de cunho erótico.

A obra de Júlio Ribeiro dividiu opiniões ao longo do século, enquanto alguns o criticavam e desprezavam sua produção, outros o exaltavam como um autor que fazia jus ao Naturalismo brasileiro, razão pela qual não havia unanimidade crítica sobre a apreciação do romance. Marcelo Magalhães Bulhões (2003), citando Josué Montello, expõe o seguinte:

Nenhum livro brasileiro congregou, como *A Carne*, desde a hora do seu aparecimento as mais contraditórias opiniões. Se José Veríssimo, com desassombro, acoimou a obra de “parto monstruoso de um cérebro artisticamente enfermo”, Tito Lívio de Castro, na mesma época, externava esta opinião entusiástica: “O Naturalismo está vitorioso e a vitória é assegurada pela *Carne*”. (MONTELLO *apud* BULHÕES, 2003, p. 27-28)

Além das discussões em torno da estética da obra, outra preocupação assolava o mal-estar na crítica, a natureza moral, uma vez que o romance trazia uma “protagonista em flagrantes manifestações de desejo sexual, cenas de sadismo, ninfomania, perversão, nudez, encontros da heroína com um homem mais velho, casado, entrega dos amantes sem meio tom, sexo” (BULHÕES, 2003, p. 28).

Apesar das críticas e de ser acusado de “corromper os costumes, incitar à libertinagem e perturbar a paz de colegiais e seminarista” (BULHÕES, 2003, p. 29), o livro tornou-se um sucesso, sendo um dos mais lidos e procurados da época, sobretudo por adolescentes.





Teve várias edições, sempre instigando os leitores pelo que poderia ser considerado proibido ou obsceno.

Bem próximo a publicação de Júlio Ribeiro estão duas obras do escritor maranhense Aluísio Azevedo, que chamaram atenção pelo conteúdo ousado, *O Homem* (1887) e *O Cortiço* (1890).

Como um típico autor naturalista, também acreditava que o homem é fruto do meio em que vive. Portanto, é comum encontrar em sua obra uma análise comportamental do ser humano e suas taras sexuais, bem como seu lado animalesco.

No romance *O Homem* (1887), o autor desvelou a temática erótica ao tratar sobre uma histeria causada, supostamente, pela falta de sexo de uma moça chamada Magdalena. O romance, assim como *A Carne* (1888), coloca a mulher e seu corpo no centro de uma narrativa erótica, além de incitar uma certa polêmica sobre o conteúdo explicitado ao longo do livro.

Em *O Homem* (1887), a personagem central Magdá é acometida por uma histeria, após descobrir que seu amor de infância é na verdade seu irmão, o qual, tempo depois, morre e ela decide nunca se casar, ainda assim sonhava constantemente com Luís, a quem viu nu uma vez, e em seus delírios faziam as mais alucinantes loucuras sexuais. O médico chamado para averiguar o caso concluiu que a doença da moça era causada pela falta de sexo. A história termina após Magdá envenenar Luís e sua noiva, por não aceitar que ficassem juntos.

A obra *O Cortiço* (1890) tem como cenário uma habitação coletiva e narra a história dos que ali habitam, como Jerônimo, Piedade, Capoeira Firmo e Rita Baiana, a mulher bonita, sedutora e erotizada socialmente. O erotismo nesta obra apresenta-se mais inclinado à libertinagem e a uma literatura mais obscena, ao focar nos estereótipos sobre as mulheres brasileiras, sobretudo se forem mulatas ou negras.

O que justifica, na visão de Antony Seeger, que “as partes do corpo merecedoras de ornamentação mais elaborada são aquelas ligadas às faculdades socialmente valorizadas” (SEEGER *apud* QUEIROZ, 2000, p.33), ou seja, os padrões de beleza pautados e cultuados pela sociedade sobressaem-se aos demais.

Assim, Rita Baiana, mulata tipicamente brasileira, é apresentada com formas exuberantes, coxas grossas, cabelos crespos e um belo sorriso. Alegre e sensual, seu



rebolado desperta luxúria nos homens, que desejam fazê-la sua amante e tê-la em seus braços. Esta característica do brasileiro de exaltar formas sinuosas vem de culturas que perduram no tempo, ainda que de forma modificada. Mesmo com resquícios eróticos presentes desde o início da história da literatura brasileira, a temática ganha ênfase a partir da semana de 1922, com o Modernismo, conforme Moraes (2008):

Não surpreende, pois, que o erotismo literário brasileiro tenha chamado atenção da turma de 22, uma vez que o nosso Modernismo reunia pelo menos duas preocupações fundamentais para constituir tal interesse: de um lado a busca de uma sintonia com o pensamento iconoclasta das vanguardas europeias que, em grande parte, se voltava com particular interesse para as expressões do erótico [...]. De outro lado [...], o movimento buscava esboçar um novo rosto para o Brasil, no empenho de incorporar traços de sua diversidade cultural. Para tanto, era preciso agregar elementos folclóricos e populares à escrita erudita e, sobretudo, conquistar definitivamente a linguagem coloquial para a literatura. (MORAES, 2008, p. 03)

Os modernistas buscavam a mudança na construção do texto literário, utilizando, inclusive, palavras chulas em nome da arte, da diversidade cultural e suas representações. A obra *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, pode ser citada como uma das obras que trouxe o retrato do que os autores buscavam naquele período.

As brincadeiras mencionadas tomam sentido erótico, quase pornográfico, em determinados momentos da narrativa, sobretudo na primeira edição, como no trecho em que Macunaíma convida uma pequena cunhã para brincar de marido e mulher, ou ainda no momento das “três f... na rede”, em que, juntamente com Ci, inventavam novas posições sexuais. Esses trechos foram suprimidos nas edições seguintes, por opção do próprio autor, que julgou ter exagerado na descrição das cenas.

Além de Mário de Andrade, Gilka Machado é uma das pioneiras no trato com a temática erótica na literatura moderna. Sua postura transgressora para a época pode ser lida como uma forma de emancipação da mulher perante a literatura. Ao escrever poesia erótica, representou e transgrediu muitas imposições destinadas às mulheres daquele período. De acordo com Maria Lúcia Dal Farra (2002, p. 97), “para proferir o erótico é preciso derrubar barreiras, estilhaçar a permissão, visto que é de tabu social que se trata”. Gilka Machado lutou contra muitos dos tabus e padrões impostos pela sociedade por muito tempo.



Jesus Antonio Durigan (1986) pontua que algumas publicações e debates mais ousados sobre o sexo, nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, provocaram certa agitação entre os leitores. As discussões em torno do sexo além de ganharem proporção devido ao contexto de liberdade sexual, possibilitaram, inclusive, que escritoras da época repensassem a sexualidade feminina como identidade na busca da autorrealização, proporcionando uma ruptura dos padrões sociais.

Os livros de Dalton Trevisan, *Desastres do Amor: contos* (1968) e *Guerra Conjugal* (1969), foram reflexos essenciais para o novo paradigma que se instaurava na literatura. Nas suas obras a mulher ganhou lugar de destaque, sendo uma figura essencial para todo o desenrolar da trama e dos outros personagens, pois no fim das histórias as personagens se revelam no controle da situação.

Ronaldo Lins (1990, p. 57) afirma que “a sexualidade aponta, segundo todas as indicações, para a liberdade, na medida em que, também ela, se exerce contra determinado estado intenso de repressão”. Portanto, obras como as de Dalton Trevisan já apontavam de certa forma uma revolução social, que a partir de 1980 ficaria marcada como a libertação do sujeito aprisionado, no sentido de liberdade de expressão.

Respalhando o exposto, a poeta Hilda Hilst também ganhou grande destaque no campo erótico e pornográfico, com obras como *Contos de Escárnio – Textos grotescos* (1990). Essa obra pode ser classificada das duas formas, pois a linguagem usada na descrição do relacionamento dos personagens, com traços pornográficos, desvia-se destes caminhos e apropria-se de material erótico pelo fato de envolver a realização dos desejos que estão na mente de um dos personagens e que são as fantasias relacionadas ao sexo ideal.

A autora recebeu muitas críticas pelo estilo empregado na obra, que embora fosse apenas provocativo e não causasse um grande abalo moral, deixava os leitores em choque pela linguagem e pelas cenas grotescas da narrativa. Ainda assim, a classificação da obra como erótica ou pornográfica varia de acordo com a interpretação de cada leitor.

Adélia Luzia Prado de Freitas demonstra nas suas obras um erotismo requintado e discreto, portanto, uma abordagem diferente da de Hilda Hilst, mas que está entre

as principais obras eróticas do século XX. Estreou na poesia em 1976, com o livro *Bagagem*, apresentando certa ruptura dos valores tradicionais.

No seu livro *Terra de Santa Cruz* (1981) reúne poemas escritos em linguagem coloquial, inovadora e recheada de erotismo e religiosidade. A poetisa traz palavras sobre desejo e corpo erotizado de um modo peculiar que vai além da fala tradicional de poetisas anteriores, pois traduz feminilidade e promoção da condição do ser mulher.

Assim, Adélia Prado busca libertar a mulher da imagem que lhe foi atribuída ao longo do tempo, e aprisionada pela força da tradição, que sempre difundiu o que era, ou não, permitido às mulheres e qual o seu lugar. Qualquer ato que vá contra as supostas regras, como ter desejos picantes ou fantasias eróticas, as tornavam transgressoras da boa conduta.

Como representante da literatura erótica brasileira do fim do século XX, destaca-se a obra de João Ubaldo Ribeiro *A Casa dos Budas Ditosos* (1999), criada exclusivamente para a coleção Plenos Pecados, da editora Objetiva. Trata-se do misterioso relato da surpreendente vida de uma mulher de 68 anos, pois o autor faz o leitor acreditar em uma nota preliminar que recebeu fitas com gravações que posteriormente se tornaram o livro. Há na obra, um relato pouco comum, chocante, irônico e intrigante de uma pessoa despudorada que viveu a luxúria de todas as formas possíveis.

Cabe ressaltar que se optou por referenciar obras canonizadas por serem mais conhecidas e de fácil acesso, apesar do vasto número de produções literárias não muito conhecidas que também fazem parte deste cenário

Analisando as representações do erotismo na literatura ao longo da história brasileira, observa-se que em determinados momentos a repressão às manifestações eróticas contidas nas obras buscava controlar os aspectos da sociedade, julgados corretos, condenando tudo que fosse contra os costumes. Ainda assim, no decorrer dos séculos, houve um aumento considerável no quesito liberdade de expressão e liberdade sexual, e o erotismo tornou-se um fenômeno cultural e social, representado em diferentes cenários.





## A RECEPÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE *A CASA DOS BUDAS DITOSOS* NA IMPRENSA BRASILEIRA

Em *A Casa dos Budas Ditosos*, logo na nota preliminar, o leitor é informado de que o livro não é propriamente de João Ubaldo Ribeiro, mas que se trata da transcrição de um depoimento gravado em fitas cassetes, deixadas na porta da casa do escritor, identificadas somente pelas iniciais CLB, que seria uma senhora baiana, residente no Rio de Janeiro. Ressalta-se que João Ubaldo de fato é o autor do livro e a questão das fitas trata-se de um recurso retórico para instigar os leitores.

CLB, a protagonista e narradora da história, relata todas as suas aventuras sexuais, desde a juventude até a maturidade. No seu longo histórico sexual estão o tio, o irmão, outras mulheres, um professor etc. A personagem sofre de uma doença terminal e, por isso, resolveu relatar sua vida, defendendo.

(...) é impossível escrever sobre sexo, pelo menos em português, sem parecer recém-saído de uma sinuca no baixo-meretrício ou então escrever “vulva”, “vagina”, “gruta do prazer”, “sexo túmido” e “penetrou-a bruscamente”. Falando, fica mais natural, não sei bem por quê. (RIBEIRO, 1999, p. 19)

Sucesso editorial, permaneceu entre os romances mais vendidos no Brasil, logo depois de sua publicação, em 1999, além de ter sido traduzido para vários idiomas: holandês (2001), francês (2003), basco (2003), esloveno (2005), espanhol (2006), italiano (2006) e inglês (2011).<sup>ii</sup>

Segundo Elena Manzato (2018), o romance *A Casa dos Budas Ditosos* figurou entre os livros de ficção brasileiros mais vendidos na primeira década do século XXI, ocupando a sétima posição no ranking em 2000, fato que demonstra quão aclamado foi, apesar de inúmeras críticas negativas que recebeu.

Nesta pesquisa, em decorrência da aparente consagração que o romance parece ter adquirido, optou-se por recuperar e analisar as críticas publicadas na imprensa, ainda no ano da primeira edição, em 1999, com a finalidade de entender como foi avaliado e recebido o romance, se como pornográfico ou erótico. A base consultada foi a do acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira e o acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*. Assim, serão analisadas, respectivamente, as edições de 14 de abril de 1999, do jornal *O estado de São*



Paulo (SP); as edições de 19 de abril de 1999 e de 04 de maio de 1999, do jornal *Tribuna da Imprensa* (RJ); as edições de 29 de maio de 1999 e de 05 de junho de 1999, da revista *Manchete* (RJ); e a edição de 15 de setembro de 1999, do *Jornal do Commercio* (AP).

A edição de 14 de abril de 1999 do jornal *O Estado de São Paulo* dedicou uma página inteira do caderno 2 para publicar duas críticas sobre o recente romance que estava causando polêmica no meio editorial: 1) “João Ubaldo faz elogio da luxúria em nova obra erótica”, de Antônio Gonçalves Filho; 2) “Livro é exercício refinado de pura devassidão”, de Josué Castello.

Na primeira crítica, Antônio Gonçalves Filho inicia seu texto afirmando que “*A Casa dos Budas Ditosos* usa uma senhora de 68 anos para relatar estripulias sexuais que o escritor jura nunca ter testemunhado” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 54). Em seguida, a matéria traz a transcrição de um trecho do livro em que CLB fala sobre a pansexualidade ser a sexualidade do futuro, referindo-se à atração por todos os gêneros:

Quem diz isso, ele jura, não é João Ubaldo, mas uma senhora de 68 anos, CLB, que o dedo acusador dos moralistas empurraria para as portas do inferno. Sorte deles que a senhora baiana viva só de recordações do passado, lembrando suas estripulias sexuais com os filhos dos empregados da fazenda, os ataques de um tio devasso e as orgias com os amigos. Ela ocupa todas as páginas do novo livro de Ubaldo. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 54)

Nessa notícia, o autor mostra como a sociedade lida com determinados comportamentos sexuais e ironiza ao afirmar tratar-se somente de memórias. Em seguida, pontua que não se trata de uma ascensão espiritual por intermédio do excesso sexual, ou seja, não é um manual formal de práticas espirituais disfarçadas de excesso, mas uma encomenda refletindo sobre um dos sete pecados capitais.

A crítica está dividida em três tópicos: Alter ego, Fronteira e Escândalo. Na primeira, ele pontua a afirmação de João Ubaldo de que CLB não é seu alter ego e que inclusive discorda dela em certas atitudes, como defender que os heterossexuais são limitados e que pansexualidade é o futuro. Enfatiza o fato de “o próprio autor impor limites à personagem quando a condena a um aneurisma que pode fazer seu cérebro explodir a qualquer momento” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 54), sinalizando para uma punição à vida libertina da personagem,



embora sempre haja a afirmação recorrente uma liberdade da personagem e narradora sobre sua narrativa.

No segundo tópico, ele comenta que João Ubaldo Ribeiro admite, constrangido, que o livro é menos erótico e pornográfico do que gostaria, pois algumas palavras nunca adquirem passaporte para a escrita. O que pode ser associado ao fato, também comentado, de que algumas obras com palavras mais devassas são condenadas a clandestinidade ou ao confinamento de grupos específicos

Antônio Gonçalves Filho defende o escritor baiano ao mencionar que este teria ficado desconfortável em descrever algumas passagens da vida de CLB, sobretudo aquelas relacionadas ao sadismo e finaliza dizendo que “Ubaldo nunca suportou os excessos do marquês, apesar de ter lido Sade na juventude. Prefere as memórias do lascivo Frank Harris” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 54). O último tópico foca na questão do escândalo que algumas falas da obra causam. Inicialmente, é apresentado um depoimento de João Ubaldo Ribeiro relatando que poucas coisas o escandalizam além da violência, fato que é notado em sua obra, que apesar de tratar de praticamente todos os tabus sexuais, não evidencia violência durante as aventuras da personagem. Além de ser uma crítica à fixação de Sade por atos violentos, o que é visto por ele como um entrave literário. O crítico expõe sua opinião sobre determinada passagem, que supostamente poderia escandalizar a sociedade:

Ubaldo tenta ultrapassar os próprios limites, como católico, ao colocar na boca da senhora uma frase como “Cristo não soube dizer o que era a verdade diante do Império Romano, porque ele próprio teve que mentir desde que aprendeu a falar”. O homem segundo a senhora safadíssima do livro da luxúria de Ubaldo, está condenado à mentira, o que o torna automaticamente, veículo divino comparável a teoria de Jó. Por que Deus mostraria aos homens o vale onde jorra o leite e o mel e os guardaria para si? (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 54)

Observa-se que o crítico vê o romance como algo exclusivo no campo da literatura erótica e por tamanho radicalismo, se comparada ao tradicional, não é recomendado para todas as pessoas. Cita também o fato de João Ubaldo se beneficiar do artifício de sugerir que o relato é de outra pessoa, dessa forma ele tem total liberdade para falar o que quiser, fato visto como prudente por parte do crítico. Ainda assim, pelo conjunto das escolhas de João Ubaldo,

segundo ele, fica claro que a personagem seria um alter ego de Ribeiro, ou seja, é como se fosse seu segundo eu, por sinal muito frágil. Deve-se notar que a crítica elogia o fato de o texto ser de uma elegância erótica quase contraditória e por isso radical, mas que não entraria no campo do pornográfico.



Em outro ponto, explana sobre o artifício da afirmação de que o autor seria responsável tão somente pela transcrição:

O artifício que é em si bastante banal vem ajudá-lo a narrar uma história radical obscena – a da formação sexual de uma devassa, que não dissimula seu parentesco com os melhores personagens da literatura erótica. [...] um exercício refinado de pura devassidão, sem outro propósito que o de celebrar a sensualidade ou a lascívia. [...] Já que não é ele quem escreve, mas CLB, Ubaldo pode permitir-se deslizos, impropriedades, vacilações, entregando-se a uma escrita suja e destemperada, em que o calor da palavra fica acima da elegância, da correção ou dos bons propósitos literários. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 54)

Apesar da suposta banalidade, o critério utilizado por Ubaldo foi imprescindível para narrar com precisão os momentos luxuriosos da personagem, falando da forma mais verossímil possível, apesar das palavras devassas empregadas para construir o clímax de determinadas cenas.

Josué Castelo finaliza comparando a narrativa erótica com uma reflexão sobre a morte, o que, segundo ele, é bem comum, conclusão associada ao fato de a personagem ter um aneurisma cerebral. Além disso, relata que João Ubaldo contradiz o nome da coleção, Plenos Pecados, pois não parece acreditar na perversidade da luxúria, defendendo que ela seria um bem que o Criador destinou ao homem e que ele deve exercitar em seu louvor, e, portanto, seria quase sagrada.

Enfim, é notório nas duas críticas a exaltação das qualidades da obra e o foco na personagem CLB, apesar de alguns pontos de vista divergentes, por exemplo, enquanto na primeira cita-se o fato de João Ubaldo afirmar que CLB não é um *alter ego*, na segunda o crítico afirma, baseado nas características da personagem, ser sem dúvidas um *alter ego*.

A edição de 29 de maio de 1999, da revista *Manchete* (RJ), inicia suas colocações sobre a obra afirmando o seguinte, “escrever livros pornográficos é tarefa que costuma levar a dois destinos: um brilhante ou um amontoado de termos chulos, recheados de práticas que, à primeira vista são escabrosas” (MANCHETE, 1999a, p. 58).





Observa-se que logo no início já é explanada a dificuldade de escrever um livro pornográfico, como é referido o livro de João Ubaldo, que não se resume a puras práticas indecorosas.

Apesar da frase de advertência, a autora da crítica, Marli Berg, reconhece que o autor “conseguiu escapar de todas as armadilhas que o tema oferece e criou uma história deliciosamente divertida, que mostra o sexo em todas as suas modalidades e aberrações, cercado de um clima surrealista e crítico”. (MANCHETE, 1999a, p. 58). Portanto, na visão da crítica, o autor trouxe um tema difícil de explicar, de forma leve e divertida, ainda que aborde modalidades sexuais que não são aprovadas por grande parte da sociedade, tudo isso sem deixar de lado a criticidade necessária para referir o tema.

Após uma breve narrativa da obra, abordando inclusive a entrega das supostas fitas para transcrição, a crítica menciona um ponto muito peculiar, quando se refere à inserção de práticas comuns ao dia a dia relacionadas ao sexo, mas que segundo a sociedade deve ser o mais convencional e discreto possível, aspectos apresentados a partir de uma metalinguagem que traduz de forma indireta os valores que são defendidos como certos ao mesmo tempo em que a maioria em determinado momento ultrapassa esses valores.

Ainda de acordo com a nota da revista, enquanto a sociedade reflete, CLB aproveita o tempo desfrutando das mais diversas formas de prazer, sem o menor constrangimento ou culpa, livre da sensação de estar fazendo algo errado, posto que “se há alguma moral a tirar de *A Casa dos Budas Ditosos* esta é a de que o prazer deve reinar soberano e passar incólume por preconceitos que rolam pelos povos há milênios como forma de pressão social” (MANCHETE, 1999a, p. 58). Ou seja, a busca pelo prazer pessoal deve permanecer intacta e firme mesmo diante dos preconceitos que a sociedade alimenta em virtude de um condicionamento ao qual é exposta a muito tempo.

A crítica é finalizada afirmando que a obra não tem a pretensão de ser um grande romance, nem a de transmitir a ideia de que o sexo pode ser não só um elemento ético, mas também estético:

Não é, tampouco, um dos grandes momentos literários do criador de *Viva o Povo Brasileiro*, que inclusive, usa um recurso literário tradicional, e sem maior inventividade, ao criar a personagem da idosa

senhora que entrega uma história na porta de casa de um escritor para que seja transformada em literatura. Mas é engraçado, irreverente, e reflete a posição do autor frente ao mundo em que vivemos: naturalidade cética frente ao absurdo imposto pela hipocrisia social. (MANCHETE, 1999a, p. 58)



Enfim, na crítica observa-se que, ao mesmo tempo em que a obra é exaltada, pela maneira com que aborda o sexo perante as imposições hipócritas da sociedade, é também subestimada, sobretudo quando sugere-se que não é um dos grandes momentos literários do autor, que optou por um enredo muito tradicional e previsível, sem muita criatividade.

Ainda na revista *Manchete*, na edição de 05 de junho de 1999, voltou-se a mencionar o romance. Desta vez na transcrição de uma entrevista com João Ubaldo Ribeiro, que foi intitulada “Estripulias (sexo-literárias) de João Ubaldo”, na qual, dentre outros assuntos, o autor falou da desenvoltura da obra e da abordagem das pessoas para tirar dúvidas sobre o livro. A página 85 da edição é usada como um prefácio à entrevista e a frase de destaque é:

Seu último livro, *A Casa dos Budas Ditosos*, é um marco na carreira do escritor. Um marco pornográfico ou erótico, para quem sabe a distinção entre um e outro. Mas também literário. Pediu, não proibiu, sua filha de 16 anos de ler. Embora garanta que não revolucionou nada em matéria de sexo. (MANCHETE, 1999b, p. 85)

Nota-se que o ponto de vista sobre a obra é bem diferente dos anteriormente publicados na mesma revista, considerando a menção à qualidade literária da narrativa, que, de acordo com a crítica publicada na edição 29 de maio de 1999, não tinha grandes pretensões, além de ter um enredo muito tradicional e previsível.

Na página seguinte, além da entrevista, há uma nota, que fala um pouco sobre a vida de João Ubaldo e sobre a protagonista do romance. Segundo a revista, CLB é definida como uma mulher que revolucionou o sexo, “uma mulher que aprendeu a fazer o diabo em matéria de sexo, justamente por ter vivido em tempos em que tudo era proibido, tinha que guardar a virgindade, tinha medo de engravidar (pré pílula) e não tinha motéis. (MANCHETE, 1999a, p. 86)

Além da versatilidade de CLB, que fazia todo tipo de libidinagem em carros, lugares públicos e privados, comenta-se também sobre o fato de que o avô de João Ubaldo teria inspirado o



personagem avô materno de CLB, pelo seu costume de soltar gases na frente de qualquer um, no entanto, é esclarecido que este é o único personagem inspirado em alguém próximo, caso alguns amigos buscassem semelhanças com os personagens.

A revista busca, antes de tudo, entender uma advertência feita no próprio livro a respeito da leitura não ser indicada para moças bem-criadas, o que provavelmente foi utilizado como um recurso para instigar a curiosidade e conquistar mais leitores, que afinal quiseram saber o que tinha de tão corrupto no romance. Isso é confirmando quando o autor afirma na entrevista que apesar de não ser uma leitura juvenil, não se trata de algo que de fato corrompa a juventude, uma vez que os jovens estão diariamente expostos a coisas bem piores.

Na segunda pergunta da entrevista o autor é questionado sobre o fato de achar que o livro não ficou tão pornográfico:

**Sua personagem em A casa dos budas ditosos é bem libidinosa. Mesmo assim você acha que ela não ficou tão pornográfica quanto desejaria. O que ficou faltando?** É que as pessoas ficam pedindo de mim definições sobre o que é pornográfico, o que é erótico, qual a distinção entre uma coisa e outra. Se existe não sei qual é. A fronteira entre uma e outra é tão fluida, tão imprecisa. (MANCHETE, 1999b, p.86, grifos do autor)

281

O autor é bem firme quanto ao que o incomoda, as pessoas não conseguem classificar a obra como pornográfica ou como erótica, e cobram essa definição de Ubaldo Ribeiro, que afirma não saber a diferença, se é que ela existe. Portanto, essas dúvidas é que fazem da obra uma certa incógnita, pois se fosse unicamente pornográfica não haveria espaço para tal questionamento. As palavras de João Ubaldo reforçam a conclusão de que a classificação de uma obra como pornográfica ou erótica depende da interpretação de quem a lê. Ainda na mesma resposta, o autor complementa, “[...] acho que meu livro tem uma certa qualidade literária e transcende a pornografia. Tem gente que até achou revolucionário. Que deu uma dimensão ao livro que não pretendi, nem imaginava que fosse ter” (MANCHETE, 1999b, p. 86).

Fica evidente com a resposta do autor que ele não esperava uma grande repercussão da obra e não a fez com a pretensão de criar ma revolução acerca do sexo, ainda assim muitos a consideram revolucionária, provavelmente pela forma com que é tratado o relato da vida sexual durante a juventude de uma senhora já idosa.

Esses fatos contribuem para a qualidade literária da obra, que como foi pontuado, é muito mais que pornografia, porque traz também uma história de vida.

Analisando as duas edições da revista *Manchete*, observa-se que em um primeiro momento, apesar da crítica tecer elogios à obra, afirmava que provavelmente o romance não tomaria grandes proporções literárias. No entanto, no mês seguinte quando a obra voltou a ser destaque na revista, o ponto de vista já havia mudado completamente, afirmando que a obra era marco na vida do autor e na literatura brasileira, promovendo inclusive uma entrevista para saber um pouco mais sobre sua vida e, conseqüentemente, entender um pouco mais a obra.

*A Casa dos Budas Ditosos* volta a ser mencionada, brevemente, no jornal *Tribuna da Imprensa* em duas ocasiões, na edição 15029, de 19 de abril de 1999, e na edição 15042, de 04 de maio de 1999.

Na edição 15029 há uma notícia sobre a IX Bienal Internacional do Livro, na qual o romance aparece citado dentre os dezessete que faziam parte da comitiva de livros que seriam vendidos no evento. Já na edição 15042, a obra é citada novamente, dessa vez mencionando a desenvoltura da Bienal, em que *A Casa dos Budas Ditosos* foi destaque, por ser a obra mais vendida da editora Objetiva, com a saída de 1300 exemplares. Apesar de ser uma menção breve, já demonstra que a obra tinha uma circulação relevante, ao ponto de fazer parte de um evento que tinha como um dos objetivos conquistar novos leitores.

A última edição consultada é a 37919, de 15 de setembro de 1999, do *Jornal do Commercio* (AP), na ocasião a obra apareceu na seção de dicas literárias:

Ao receber, segundo afirma, um pacote com a transcrição datilografada de várias fitas, gravadas por uma misteriosa mulher, o escritor João Ubaldo Ribeiro não podia imaginar o que esperava. E agora você, inocente leitor, que sequer pode suspeitar o que o aguarda em cada uma das páginas deste livro. Nelas se conta uma vida. E a suposta autora teria enviado seu testemunho [...]. O escritor aceitou o oferecimento e o resultado final está agora diante de você, que deve preparar-se para um relato pouco comum, às vezes chocante, às vezes irônico, sempre instigante. Na verdade, dificilmente a ficção poderia alcançar os limites do que a devassa senhora viveu e narra em detalhes riquíssimos. Se o leitor tem alguma dúvida, ela logo se dissipará neste fascinante mergulho na vida espantosa de uma mulher sem dúvidas excepcional, cuja narrativa alcança as dimensões de um retrato sociológico de toda





uma cultura e uma geração, envolvendo um dos pecados mais indomáveis e capitais. (JORNAL DO COMMERCIO, 1999, p. 16)

Nesta edição, nota-se que as considerações sobre a obra tomam um tom mais comercial e tentam persuadir o leitor a conhecer uma história que foi muito além do politicamente correto e nem por isso deixou de ser instigante. A nota não deixou de mencionar que a narrativa toma diferentes rumos no seu desenrolar, frisando que em algumas ocasiões contém muita ironia, em outras nos deixa chocados, isso porque a personagem narra com naturalidade as mais diversas aventuras sexuais.

Enfim, todas as edições consultadas esclarecem um pouco sobre a visão que a crítica tinha da obra no ano em que foi publicada. Os elementos mais comentados por todas elas é, sem dúvida, a personagem e o artifício usado pelo autor para publicar um livro voltado exclusivamente para a sexualidade, sem omitir nenhum detalhe, além da discussão sobre seu caráter pornográfico ou erótico.

283

### Referências

- ALEXANDRIAN, S. *História da literatura erótica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BARROS, L.F. A sensualidade na carta de Pero Vaz de Caminha. *CAASP*, São Paulo, v.03, n.12, p. 01-03, ago. 2014.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BULHÕES, M. M. *Leituras do Desejo*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARPEAUX, Otto Maria. Literatura ou Pornografia? In: MILLER, Henry. *O Mundo do Sexo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Florbela Erótica. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 19, p. 91 -112, 2002.
- DURIGAN, J. A. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1986.
- LINS, R. L. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- MAINGUENEAU, D. *O discurso pornográfico*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MANZATO, E. A casa dos budas ditosos de João Ubaldo Ribeiro: reescrita e tradução da luxúria entre Brasil e Itália. In: *Belas Infiéis*, v. 7, n. 2, p. 27-41, 2018.
- MORAES, E. R. A erótica literária no modernismo brasileiro. In: *Congresso Internacional da Abralic* –

*Tessituras, Interações e Convergências*, 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008a. p. 1-6.

MORAES, E.R.; LAPEIZ, S.M. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PRIORE, M. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2014.

QUEIROZ, R. da S. *O corpo do brasileiro*. São Paulo: SENC, 2000.

RIBEIRO, J. U. *A casa dos budas ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SILVA, V. M.de A. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2002.

SONTAG, S. A imaginação pornográfica. In: *A vontade Radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VALENÇA, A.M.M. Um olhar sobre o erotismo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Vol. 05. N. 02. p. 147-.159. 1994.



### Periódicos

JORNAL DO COMMERCIO. Publicação semanal. Amapá. Ed. 37919. 15 de setembro de 1999. *Hemeroteca Digital Brasileira*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader>. Acesso em: 16 de fev. 2021.

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. Publicação diária. Caderno 02. 14 de abril de 1999. *Acervo O Estadão*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19990414-38529-nac-0054-cd2-d10-not>. Acesso em: 16 de fev. 2021.

JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA. Publicação diária. Rio de Janeiro. Ed. 15029. 19 de abril de 1999. *Hemeroteca Digital Brasileira*. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_05&pesq=%22A%20CASA](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&pesq=%22A%20CASA). Acesso em: 16 de fev. 2021.

JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA. Publicação diária. Rio de Janeiro. Ed. 15042. 04 de maio de 1999. *Hemeroteca Digital Brasileira*. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_05&pesq=%22A%20CASA%20DOS%20BUDAS%20DITOSOS](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&pesq=%22A%20CASA%20DOS%20BUDAS%20DITOSOS). Acesso em: 16 de fev. 2021.

REVISTA MANCHETE. Publicação semanal. Rio de Janeiro. Ed. 2459. 29 de maio de 1999. *Hemeroteca Digital Brasileira*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120>. Acesso em: 16 de fev. 2021.

REVISTA MANCHETE. Publicação semanal. Rio de Janeiro. Ed. 2460. 05 de junho de 1999. *Hemeroteca Digital Brasileira*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120>. Acesso em: 16 de fev. 2021.



Recebido em 14 de abril de 2021.

Aprovado em 26 de abril de 2021.

## LITERATURA, EROTISMO E TRANSGRESSÃO: A RECEPÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE *A CASA DOS BUDAS DITOSOS*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO, NA IMPRENSA BRASILEIRA

**Abstract:** The representations of eroticism are historically linked to humanity and present in several literary works. This article aims to analyze the criticisms of the first edition of the novel *A Casa dos Budas Ditosos* (1999), by João Ubaldo Ribeiro, in the Brazilian press in 1999. The work was developed in a qualitative and descriptive way, based on bibliographic research, based on theories de Paz (1994); Alexadrian (1993); Durigan (1986), among others. Critical fluctuation was observed in relation to what they consider erotic and pornographic in the novel. The fundamental point lies in the construction of a novel that dealt with subjects considered taboo in Brazilian Literature.

**Keywords:** Erotic romance, Brazilian Literature, *A Casa dos Budas Ditosos*, João Ubaldo Ribeiro.

285

---

<sup>i</sup> Vitor Manuel de Aguiar Silva define Gênero da seguinte forma: “Um conjunto de códigos que resultam na correlação peculiar de códigos fônico-rítmicos, métricos, estilísticos, técnico-compositivos, por um lado, e de códigos semântico-pragmáticos, por outra parte, sob o influxo e o condicionalismo de determinada tradição literária e no âmbito de certas coordenadas socioculturais (SILVA, 2002, p. 390-391).

<sup>ii</sup> Informações mais detalhadas sobre as traduções do romance *A casa dos Budas ditosos* podem ser encontradas no artigo de Elena Manzato, publicado em 2018 e referido na lista de referências deste artigo.